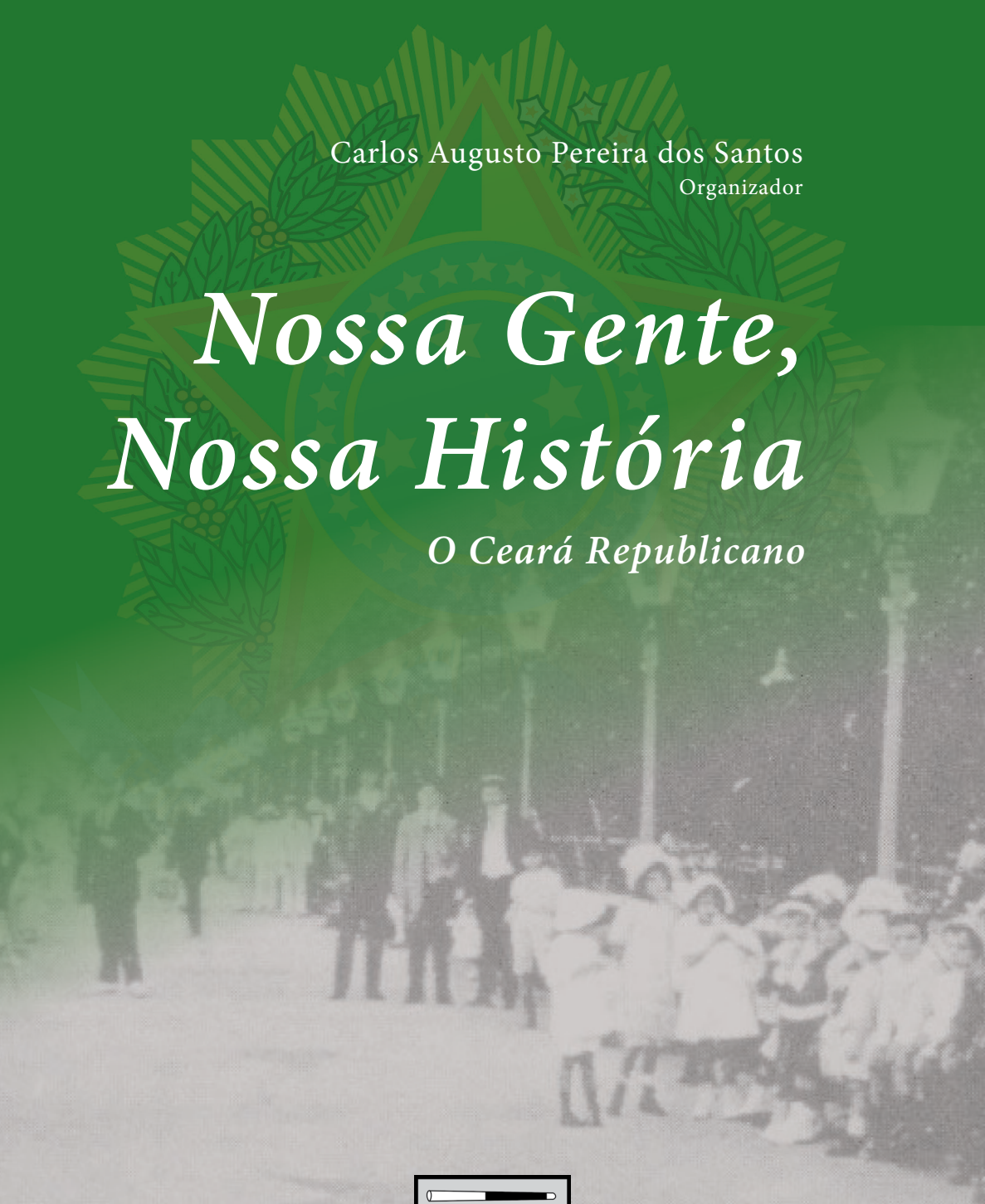
Carlos Augusto Pereira dos Santos
Organizador

Nossa Gente, Nossa História

O Ceará Republicano



Edições UVA

SERTÃO CULT

Carlos Augusto Pereira dos Santos
Organizador

Nossa Gente, Nossa História

O Ceará Republicano

Sobral-CE
2019

Edições UVA

SERTÃO CULT

Nossa Gente, Nossa História. O Ceará Republicano
© 2019 copyright by Carlos Augusto Pereira dos Santos (Organizador)
Impresso no Brasil/Printed in Brasil.
Efetuado depósito legal na Biblioteca Nacional.

Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1328
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222 / 9 9846.8222
sertaocult@gmail.com / mammarco@gmail.com

Conselho Editorial
Adriana Brandão Nascimento Machado
Carlos Augusto P. dos Santos
Isorlanda Caracristi
Nilson Almino de Freitas
Regina Celi Fonseca Raick
Telma Bessa Sales
Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico
Marco Antonio Machado

Revisão
Antonio Jerfson Lins de Freitas

Foto da capa
Passeio público, Fortaleza, 1919

Catalogação na publicação
Leolgh Lima da Silva – CRB3/967

Av. da Universidade, 850 - Campus da Betânia - Sobral - CE
CEP 62040-370 - Telefone: (88) 3611.6613

Filiada à
Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Reitor
Fabianno Cavalcante de Carvalho

Vice-Reitora
Izabelle Mont`Alverne Napoleão Albuquerque

Diretora das Edições UVA
Maria Socorro de Araújo Dias

Conselho Editorial
Maria Socorro de Araújo Dias (Presidente)
Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo
Ana Iris Tomás Vasconcelos
Carlos Augusto Pereira dos Santos
Claudia Goulart de Abreu
Eneas Rei Leite
Francisco Helder Almeida Rodrigues
Israel Rocha Brandão
Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque
Maria Adelane Monteiro da Silva
Maria Amélia Carneiro Bezerra
Maria José Araújo Souza
Maria Somália Sales Viana
Maristela Inês Osawa Vasconcelos
Raquel Oliveira dos Santos Fontinele
Renata Albuquerque Lima
Simone Ferreira Diniz
Tito Barros Leal de Ponte Medeiros
Virginia Célia Cavalcanti de Holanda

N785 Nossa gente, nossa história: o Ceará republicano. / Santos, Carlos Augusto Pereira. (Org.) - Sobral: Sertãocult; Edições UVA, 2019.
294p.

ISBN: 978-85-67960-25-8
ISBN: 978-85-9539-035-5
DOI: 10.35260/67960258-2019

1. Sertão. 2. Educação 3. Cultura.
I. Título. II. Santos, Carlos Augusto Pereira.

CDD 981.31

Sumário

Nossa História, Nossa Gente. À guisa de prefácio e apresentação / 5

Parte 1 - O sertão da água, da seca e da religião

1. "O rio é uma riqueza imensa": Usos e tradições sobre a importância da água no sertão de Santa Quitéria-CE (1960-1980) / 9
Maria Malena Paiva Mesquita

2. As mulheres e a seca: sobrevivência feminina em tempos de escassez em Varjota–CE (1980- 1990) / 19
Francisca Clédia Sousa de Oliveira

3. Os bastidores da seca: exploração dos trabalhadores nas frentes de serviço do Açude Araras, Varjota-CE (1951–1958) / 33
Letícia Rodrigues Gonçalves

4. Políticas públicas de combate à seca no município de Croatá-CE (1983-1996) / 45
Caubi Alves Braga
Naiane Nobre Martins

5. A seca e as obras de socorro no Ceará republicano (1889-1915) / 55
Pedro de Souza Filomeno Filho

6. Entre fanáticos e cassacos: a presença da Irmandade da Cruz nos sertões do norte do Ceará (1900-1903) / 65
Raimundo Nonato Fernandes

Parte 2 - O mundo do trabalho e da educação

7. "Se a gente fosse viver só de trabalhar pros outros a gente morria". Memórias da Casa Grande: moradores, rendeiros e agregados na cidade de Alcântaras-CE (1907-1920) / 85
Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara

8. "Depois foi que veio essa modernização": as transformações nos engenhos de cachaça artesanal em Alcântaras-CE (1960-2000) / 95
Adelina Lopes Guimarães

9. Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Coreaú-CE: criação e processo de organização (1965 a 1990) / 103
Sebastião Ferreira Carneiro

10. O Ensino de História e cultura indígena em Hidrolândia-CE: a Lei 11.645 de 2008 e os meios para uma descolonização da imagem do indígena / 119
Paulo Ênio de Sousa Melo

11. Práticas de combate ao analfabetismo no Ceará / 133
João Henrique Brito Lima

12. A Educação na República / 145
Natanael Lopes Alves

Parte 3 - Culturas e sociabilidades diversas

13. Historiografia e cinema: percepções da diversidade na sétima arte / 157
Vinícius Pereira de Sousa

14. Espaços de sociabilidades homoafetivas em Sobral-CE (1950-2018) / 175
Alan Silva de Morais

15. "Zé Maria mulher": representatividade e resistência umbandista em Sobral / 185
Antonio Tarciano Aragão Sousa

16. "Mas digo uma coisa, não é a gente que cura, mas sim Deus". Memórias de benzedeiras em Alcântaras–CE / 197
Maria Deiziane Lino

17. "Eu entrei nessa brincadeira quando eu era um menino". Memórias sobre o reisado groairense / 205
Raimundo Sousa Alves

18. Corpo em movimento, *Street Dance* e agências de patrimonialização cultural: uma experiência de pesquisa (Sobral-CE) / 221
Cleane dos Santos de Medeiros
Nilson Almino de Freitas

19. Ambivalências poéticas nas canções de Belchior – a ida e o regresso / 233
Francisco Sávio Barbosa do Nascimento

Parte 4 - Política e economia nas tramas do cotidiano

20. A Ação Integralista Brasileira (AIB) e sua influência no interior do Ceará: memórias do Integralismo em Ibiapina / 247
Odail José Martins Freire

21. A economia e seus impactos: Uma análise sobre Camocim (1930-1950) / 255
Valério Samaronni Morais de Queiroz

22. Emissoras de rádio de Camocim: o relacionamento com grupos políticos, cultura e comércio locais (1980-1989) / 261
Maely Alves de Mesquita

23. A história da República passa por aqui! Camocim-CE (1889-1950) / 273
Carlos Augusto Pereira dos Santos

Nossa Gente, Nossa História. À guisa de prefácio e apresentação

No semestre 2018.1, propusemos aos alunos da disciplina de História do Brasil III que escrevêssemos sobre a nossa gente, aquela que está mais próxima de nós, convivendo conosco ou mesmo um pouco distante num passado recente. A ideia era que se aproveitassem as pesquisas que estavam sendo feitas para a escrita dos seus respectivos TCC's e adaptássemos as temáticas para o período republicano, tempo que converge ao estudo da mencionada disciplina acima. Teríamos, portanto, uma espécie de painel do Ceará República, pelos temas levantados nas primeiras aulas. Poucos alunos tiveram de sair do seu raio de pesquisa para cumprir com o objetivo final – publicar um livro com os artigos dos alunos em fase final de curso.

Durante todo o semestre, tivemos a discussão de uma obra que nos serviu de guia e inspiração: *Histórias da Gente Brasileira.* Volume 3, República. Memórias (1889-1950), de autoria da historiadora Mary Del Priore. Foi uma experiência interessante, pois cada vez que as discussões eram estabelecidas, sentíamos que aquelas histórias contadas, no caso do terceiro volume, narradas pelo viés da memória, eram questões que nos diziam respeito, que já ouvíramos contar pelos nossos pais e avós.

Por outro lado, constatamos também que estávamos espacialmente longe dos exemplos contados nas diversas partes do livro referenciado. Apesar do fôlego e do abarcamento da obra empreendida por Mary Del Priore[1], o Nordeste e, especialmente o Ceará, pouco são citados. Logicamente que compreendemos os limites de um projeto editorial desta envergadura e da logística de pesquisa. Para nós, longe disso ser um aspecto desmotivador, ao contrário, fez com que, como se preenchêssemos uma lacuna, jogássemos todas as nossas forças na construção de histórias que representassem e contassem um pouco mais de nós.

O resultado foi a escrita de vinte e três artigos, divididos em quatro partes temáticas que podem ser conferidas no sumário e ao longo do livro. Portanto, empreendemos um mergulho no universo sertanejo, falando da alegria da chegada do inverno, do inferno da seca e das práticas religiosas que beiram o fanatismo (Parte 1). Adentramos no mundo do trabalho e esticamos a jornada para compreendermos os projetos e propostas de escolarização e educação do nosso povo (Parte 2).

[1] *Histórias da Gente Brasileira* é um projeto editorial escrito pela historiadora Mary Del Priore que cobre os diversos períodos da História do Brasil. Volume 1 – Colônia, Volume 2 – Império, Volume 3 – República (1889-1950) e Volume 4 (1950-2000), publicados pela Editora LeYa, 2017.

Por outro lado, foi necessário falarmos da diversidade cultural que nos caracteriza. O que tem em comum o universo *queer* no cinema e as sociabilidades homoafetivas no espaço citadino? O que um pai de santo e um conjunto de mulheres rezadeiras podem nos dizer sobre a prática da cura? Quais são as fronteiras culturais entre dançadores de reisado, jovens bailarinos da periferia e a obra do cantor Belchior? São interrogações que poderão ser respondidas, ou não, lendo-se o conjunto de artigos da Parte 3. Finalizando, como a política e a economia interferem no cotidiano de uma cidade? É o que os autores propõem discutir na Parte 4, evidenciando as características singulares na história dos municípios de Ibiapina e Camocim.

Um último aviso ao leitor. Os textos aqui reunidos são de alunos em formação, mesmo estando em fase final de conclusão de curso. Expressam, portanto, suas trajetórias acadêmicas dentro de seus limites e potencialidades e devem ser entendidos e compreendidos dentro dessa dimensão. Como organizador, procurei interferir o mínimo no processo de orientação da escrita e incentivei que eles dividissem os processos de escrita com seus orientadores. Daí que, a maioria dos textos, já serem partes de suas monografias ou artigos finais de curso.

Dizer, finalmente, que foi gratificante compartilhar saberes e ensinamentos com todos vocês, por isso o faço nominalmente: *Maria Malena Paiva Mesquita, Franscisca Clédia Sousa de Oliveira, Letícia Rodrigues Gonçalves, Caubi Alves Braga, Naiane Nobre Martins, Pedro de Souza Filomeno Filho, Raimundo Nonato Fernandes, Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara, Adelina Lopes Guimarães, Sebastião Ferreira Carneiro, Paulo Ênio de Sousa Melo, João Henrique Brito Lima, Natanael Lopes Alves, Vinícius Pereira de Sousa, Alan Silva de Morais, Antonio Tarciano Aragão Sousa, Maria Deiziane Lino, Raimundo Sousa Alves, Cleane dos Santos de Medeiros, Francisco Sávio Barbosa do Nascimento, Odail José Martins Freire. Valério Samaronni Morais de Queiroz e Maely Alves de Mesquita.*

Boa leitura a todos!

Carlos Augusto Pereira dos Santos (Org.)

Camocim, outubro de 2018.

Doi: 10.35260/67960258-p.261-271-2019

22. Emissoras de rádio de Camocim: o relacionamento com grupos políticos, cultura e comércio locais (1980-1989)

Maely Alves de Mesquita[1]

Meu caro locutor,
Mande esse recado para mim
E diga ao doutor vereador
Que meu voto não é capim.
De seu curral não sou eleitor
Que mude, por favor
E faça o melhor pra Camocim!
M. Mesquita.

Introdução

Discute-se no presente trabalho a função das emissoras de rádio como meio de representação político-ideológica na cidade de Camocim-CE, ressaltando assim o caráter político do rádio. Portanto, busca-se compreender a relação estabelecida entre as emissoras e os grupos políticos locais e a dinâmica do poder político em Camocim, bem como a disputa pela audiência das emissoras radiofônicas utilizando-se da cultura e do comércio para ganhar os eleitores ouvintes.

Como sabemos, a mídia radiofônica foi e ainda é utilizada como meio de comunicação que liga o representante político local à população (eleitor). Os microfones das emissoras viraram palanques eleitorais para grupos políticos em todo Brasil. Na cidade de Camocim, localizada no interior do Ceará, ao norte do estado, não foi diferente, pois os grupos políticos rivais da cidade - conhecidos pela população como "Fundo Mole" e "Cara Preta"[2] - disputaram não somente votos, aplausos e a fidelidade dos eleitores, mas também a

[1] Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.

[2] Há várias versões sobre os termos criados pela população na época. Alguns diziam que se davam pela aparência física dos dois representantes das famílias rivais, Murilo Aguiar, que tinha pintas escuras na pele, ficou conhecido como Cara Preta, e Alfredo Coelho, por usar roupas largas e folgadas, ficou descrito como Fundo Mole. O termo é usado ainda hoje, mesmo que o quadro político local e os grupos tenham se modificado. Informação retirada do Blog Camocim pote de História, do professor Carlos Augusto. Disponível em: <http://camocimpotedehistorias.blogspot.com/2011/08/os-caras-pretas-e-fundos-moles-de.html > Acesso em: 12 out. 2018.

audiência dos ouvintes, que garantiam a esses grupos sua lealdade partidária e a cadeira cativa de suas programações.

Assim, no presente trabalho pretende-se apresentar a utilização da mídia radiofônica, a saber as emissoras de rádio Pinto Martins e Radio União de Camocim, como ferramenta na divulgação e na representação político-ideológica da cidade de Camocim-CE, tomando como ponto de partida no nosso recorte temporal a inauguração das primeiras emissoras de rádio AM, a Radio Pinto Martins e a Rádio União de Camocim e os nove primeiros anos das emissoras.

Primeiramente é preciso conhecer a história e a importância dessas emissoras dentro da sociedade camocinense, como funcionavam e entender seu papel político, cultural e econômico. Conhecer um pouco como se davam as relações entre os ouvintes e as programações, pois assim será possível compreender a importância política dessas emissoras para a população e para os grupos políticos dominantes. Pode-se conhecer, então, a estrutura política que por muito tempo esteve presente em Camocim e levantar questões a partir da relevância desses dois grupos políticos, que eram regidos por famílias importantes da sociedade camocinense, que desenhou e marcou a história política da cidade até os dias presentes.

Para que a história do rádio em Camocim possa ser compreendida, é preciso recorrer à história oral, pois há uma escassez de fontes quando se pretende trabalhar historicamente esse tema. Como a historiografia do rádio também é feita pelas memórias e narrativas daqueles que vivenciaram o surgimento e o desenvolvimento dessas emissoras, são utilizados aqui alguns depoimentos de ouvintes da época e de pessoas que trabalharam nas emissoras.

Conhecer a história política local nas ondas do rádio é mergulhar na memória local e conhecer uma cidade que viveu uma forte influência do rádio, não só no campo político, mas no campo cultural e econômico. As narrativas são práticas sociais e expressões da experiência vivida que, por meio da oralidade, pode-se compreender e interpretar a realidade da época aqui proposta. Assim, as narrativas aqui trabalhadas e os fatos apresentados constroem um grande quadro de relações em que estão inseridas as emissoras de rádio de Camocim. Memória, segundo Michel Pollack, está ligada diretamente à identidade, assim como as narrativas dos grupos políticos da cidade estão ligadas à identificação política, além do partidarismo inerente.

> Nessa construção de identidade [...] há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter Fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico;

> finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados[3].

O sentimento de pertencimento está em harmonia não apenas com a emoção do indivíduo, assim, para o eleitor que se sente pertencente a um grupo, está ainda mais voltado para a coerência com seu pensamento. Suas escolhas políticas, culturais, delimitam sua memória, seu grupo e ações. Restaurar ou desbravar a memória de uma comunidade é desenhar as fronteiras culturais e conhecer a partir de um ou mais indivíduos a diferenças e aquilo que os unifica.

As emissoras de rádio em Camocim: das amplificadoras às ondas AM e a questão política

Segundo Schafer, o rádio tornou-se assim o *relógio da civilização ocidental*, dando nova sonoridade ao cotidiano antes comandado apenas pelo sino das igrejas e apitos das fábricas[4]. Como reforça Caparalli, em *Comunicação de massa sem massa*[5], o rádio tornou-se também um meio de grande eficácia na estratégia política, pois atinge níveis expressivos de popularização e o poder dessa persuasão exercida por estar inserido na vida cotidiana das pessoas. A utilização e a instrumentalização das emissoras de rádio durante a década de 1980 e 1990, sejam elas locais ou mundiais, nada mais é que fruto de uma utilização histórica do rádio como instrumento de reprodução ideológica desde o surgimento dessa tecnologia como meio de comunicação de massa. Os grupos políticos de Camocim utilizaram do alcance e da popularização desse meio de comunicação para manterem seus domínios ideológicos sobre a população.

Aos poucos, com o aprimoramento dos sistemas radiofônicos, as cidades do interior do Brasil passam a ter suas rotinas mudadas com a chegada dos aparelhos e das programações. Antes de existir o rádio no sistema AM (Amplitude Modulada), existiam as amplificadoras, que se utilizavam do serviço de alto-falantes. Em Camocim, cidade do interior do Ceará, localizada no litoral oeste do estado, a 347 km de Fortaleza, conhecida por belas praias e pela sua importância econômica e cultural, teve seu cotidiano e produção cultural marcado pelo som do apito do trem e dos navios que ancoravam

[3] POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

[4] SCHAFER, R. Murray. *Rádio radical. Rádio Nova*: constelações da radiofonia contemporânea, v. 2, 1997.p. 29.

[5] CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de massa sem massa**. Summus Editorial, 1986.

em seu porto, mas também influenciado fortemente pelas ondas sonoras das amplificadoras durante a década de 1940[6].

A *Amplificadora Pinto Martins* foi a pioneira neste sistema na região, inaugurada em 20 de setembro de 1941, tendo como proprietário o Sr. Francisco das Chagas Vasconcelos. A amplificadora possuía dois alto-falantes situados na praça Pinto Martins, bem ao lado do Mercado Municipal de Camocim. Em pouco tempo, outras amplificadoras surgiram na cidade, como a amplificadora *Camocim Clube* e a amplificadora *A Voz de Camocim*[7]. Durante este período, a Amplificadora Pinto Martins serviu na divulgação de músicas, de eventos de lazer, publicidade de todo tipo e, principalmente, na utilização das ondas sonoras para apologia partidária. Nas eleições, os partidos locais recorriam ao alcance da Amplificadora Pinto Martins para fazerem seus comícios e reuniões e utilizavam os microfones para divulgarem seus trabalhos na calçada e na praça, com o apoio da amplificadora, seja qual fosse o candidato, desde que pagasse a quantia correspondente ao horário de utilização.

Foi em um desses comícios veiculados pela Amplificadora Pinto Martins que se deu o motivo da divisão política entre duas famílias influentes de Camocim, que já faziam parte da história política local: a família Coelho e a família Aguiar. De um lado representada pelo comerciante e político Alfredo Othon Coelho, família Coelho e seus aliados identificados pelos opositores como Fundo Mole, e a família Aguiar, representado na figura de Murilo Rocha Aguiar (também comerciante e político), juntamente com seus aliados, que passaram a ser chamados pelos adversários de Cara Pretas. Em 1950, durante a campanha eleitoral para prefeito, aconteceu o rompimento político entre essas duas famílias importantes em Camocim, que marcaria fortemente o jeito de se viver a política na cidade. O Sr. Orion Menezes, em entrevista ao historiador Carlos Manuel do Nascimento, em seu trabalho sobre as amplificadoras em Camocim, relata em sua fala como se deu o rompimento entre as duas famílias e, na sequência, como se desenrolou a campanha eleitoral daquele ano. Eis o relato:

> A disputa política foi o seguinte, isso eu sei contar bem *direitim*: o Alfredo Coelho era compadre do Murilo Aguiar, [...] eles eram muito amigos, todos dois comerciantes do alto comércio aqui de Camocim, Alfredo Othon Coelho e Murilo Rocha Aguiar, já veio do Vicente Aguiar que começou o comércio. [...] aí veio a política, o Alfredo Coelho era da UDN e o Murilo do PSD, aí eu sei que o Murilo ficou arrepiado com o compadre que era o Alfredo Coelho, aí o Alfredo lançou a candidatura de João Colares Filho pra prefeito de Camocim. [...]

[6] NASCIMENTO, Carlos Manuel. *A cidade nas ondas do rádio*. Memórias e Histórias dos Serviços de Alto-Falantes de Camocim**.** Capítulo III. Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, 2009, p. 10.
[7] Idem.p.27-40.

> Pois bom, aí o resultado foi que eu estava lá no comício quando o Sr. Murilo foi falar, aí eles não deixaram o Murilo Aguiar falar, eles tomaram o microfone; aí quando botaram pro João Colares Filho, o Pascoal puxou pelo canivete e cortou o fio do microfone, foi uma confusão danada e o povo estava era aí, com a língua horrível, né? Aí o resultado, o Murilo Aguiar disse: "quem for do meu lado me acompanhe até a praça", hoje a Praça da Estação; aí menino, ficou pouca gente lá no palanque do Alfredo Coelho, pouca gente; a multidãozona acompanhou o Murilo Aguiar. Começou a partida política dele desde esse tempo. Aí o Murilo Aguiar disse: "vou lançar um candidato, o Vaqueiro da Esperança, Setembrino Veras". Ele estava lá nas Amarelas, no terreno dele lá, ele vivia mais no interior. [...] O Murilo Aguiar lançou a candidatura dele, quando foi no outro dia o Setembrino entrou aqui no carro, foi foguete, às sete horas da noite. Vaqueiro da Esperança, botaram o apelido dele, aí o Setembrino ganhou a prefeitura, aí meteu o pau no outro candidato, ajeitou a cidade, aí começou a intriga do Alfredo Coelho com o Murilo Aguiar. Foi o rompimento[8].

Com o desentendimento entre as duas famílias, o cenário político da cidade tomava novas nuances, nascia a partir dali uma rivalidade política que se perpetuaria por anos, alternando o poder executivo da cidade entre os dois grupos. Os que simpatizavam com os Fundo Moles passaram a defender com unhas e dentes seus posicionamentos, os eleitores rivalizavam entre si, seguidores dos Cara Pretas não falavam com os Fundo Moles. A separação política citada acima proporcionou o surgimento da Amplificadora a Voz de Camocim, por volta do ano de 1950. O líder político Murilo Aguiar trouxe à cidade o mais moderno e organizado serviço de alto-falantes. Para competir, o líder político rival, Alfredo Coelho inaugurou, no dia 1° de janeiro de 1958, o Sonoro Pinto Martins, que fazia concorrência não apenas nas ondas sonoras radiofônicas, mas também na disputa política.

As amplificadoras, mediante o serviço de alto-falantes, marcaram presença no cotidiano da população até o início da década de 1980, anunciando programações culturais na cidade e músicas, posteriormente, essas amplificadoras deram lugar às emissoras de rádio com frequência AM[9], e as duas principais amplificadoras, Sonoro Pinto Martins e A voz de Camocim tornaram-se, respectivamente, Radio Pinto Martins e Radio União de Camocim.

Sob a direção de Alfredo Othon Coelho, a Rádio Pinto Martins, 1450 AM, foi inaugurada no dia 19 de dezembro de 1981, funcionando na praça

[8] Entrevista com o Sr. Orion Menezes, funcionário público aposentado, 73 anos, realizado em 04/03/2008, em sua residência, situada à Rua José Maria Veras, nº. 30, Camocim-Ceará. In. NASCIMENTO, Carlos Manuel. *A cidade nas ondas do rádio* - memórias e Histórias dos Serviços de Alto-Falantes de Camocim**.** Capítulo III. Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, 2009.p. 37.

[9] As faixas AM (Amplitude Modulada) são as responsáveis por modular os sinais de radiofrequência. A diferença se caracteriza basicamente pela técnica de produção e estética de programação.

Pinto Martins. Na placa de inauguração da emissora faz-se homenagem ao nome do filho ilustre de Camocim, o aviador Pinto Martins[10].

Foto 1- **Placa de inauguração da Rádio Pinto Martins.** Foto do arquivo pessoal da autora.

Após dois anos da comemoração do centenário da cidade, a emissora foi inaugurada durante o mandato do prefeito Edilson Veras Coelho. Abaixo a concessão para funcionamento da Rádio Pinto Martins AM, um ano antes de sua inauguração.

DECRETO Nº 84.968, DE 28 DE JULHO DE 1980.
Outorga concessão à RÁDIO PINTO MARTINS LTDA., para estabelecer uma estação de Radiodifusão sonora em onda média de âmbito regional, na cidade de Camocim, Estado do Ceará.
O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando das atribuições que lhe confere o art.81, item III, combinado com o artigo 8º, item XV, letra "*a*", da Constituição, e tendo em vista o que consta do Processo MC nº 15.306/78 (Edital nº 99/78),
DECRETA:
Art. 1º Fica outorgada concessão à RÁDIO PINTO MARTINS LTDA., nos termos do artigo 28 do Regulamento dos Serviços de Radiodifusão, aprovado pelo Decreto número 52.795, de 31 de outubro de 1963, para estabelecer, sem direito de exclusividade, uma estação de radiodifusão sonora em onda média de âmbito regional, na cidade de Camocim, Estado do Ceará.
Parágrafo único. O contrato decorrente desta concessão obedecerá às cláusulas baixadas com o presente e deverá ser assinado dentro de 60 (sessenta) dias, a contar da publicação deste Decreto no *Diário Oficial* da União, sob pena de se tornar nulo, de pleno direito, o ato de outorga.
Art. 2º Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

[10] Fotografia atual da placa de inauguração da emissora Pinto Martins, a placa está fixada na parede do corredor de entrada no prédio da emissora.

Brasília, 28 de julho de 1980; 159º da Independência e 92º da República.
JOÃO FIGUEIREDO
H.C. Mattos[11].

Não demorou muito para que o grupo da família Aguiar, os Cara Pretas, conseguissem também sua concessão, com a Rádio União de Camocim, 820 AM, com sede na rua Dr. João Thomé, de frente à praça Vicente Aguiar, a *Praça da Estação*, mesmo local que Murilo Aguiar havia levado seus seguidores após o desentendimento anos atrás. Assim, no mesmo ano de inauguração da Radio Pinto Martins, a emissora Radio União de Camocim conseguia sua concessão para entrar no ar, sendo posteriormente inaugurada no dia 14 de outubro de 1982.

DECRETO Nº 86.168, DE 29 DE JUNHO DE 1981
Outorga concessão à RÁDIO UNIÃO DE CAMOCIM LTDA., para estabelecer uma estação de radiodifusão sonora em onda média de âmbito regional, na cidade de Camocim, Estado do Ceará.
O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando das atribuições que lhe confere o artigo 81, item III, combinado com o artigo 8º, item XV, letra *"a"*, da Constituição, e tendo em vista o que consta do Processo MC nº 11.477/80 (Edital nº 33/80),
DECRETA:
Art. 1º - Fica outorgada concessão à RÁDIO UNIÃO DE CAMOCIM LTDA., nos termos do artigo 28 do Regulamento dos Serviços de Radiodifusão, aprovado pelo Decreto nº 52.795, de 31 de outubro de 1963, para estabelecer, sem direito de exclusividade, uma estação de radiodifusão sonora em onda média de âmbito regional, na cidade de Camocim, Estado do Ceará.
Parágrafo único - O contrato decorrente desta concessão obedecerá às cláusulas baixadas com o presente e deverá ser assinado dentro de 60 (sessenta) dias, a contar da publicação deste decreto no *Diário Oficial* da União, sob pena de se tornar nulo, de pleno direito, o ato de outorga.
Art. 2º - Este decreto entrará em vigor, na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
Brasília, DF, 29 de junho de 1981; 160º da Independência e 93º da República.
JOÃO FIGUEIREDO[12].

As concessões de rádio durante o período da ditadura ajudavam o regime militar na propagação ideológica, mas essas concessões eram regidas por

[11] Disponível em: < http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-84968-28-julho-1980-434453-publicacaooriginal-1-pe.html >. Acesso em: 19 mar. 2018.
[12] Disponível em: http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-86168-29-junho-1981-435547-publicacaooriginal-1-pe.html >Acesso em: 19 mar. 2018.

seus ditames, onde procurava-se coibir as condutas tidas como abusivas no exercício da liberdade de radiodifusão. A censura previa penalidades para as emissoras que infringissem tais condutas.

Hoje, por lei, é proibida a utilização das emissoras para fins político-partidários, mas o que se observa é que as emissoras de rádio até hoje, em sua maioria, pertencem a grupos políticos. A história radiofônica de Camocim está vinculada com a política, como tantas outras cidades do Brasil.

No ano de 1988, período de redemocratização e o surgimento de uma nova constituição, em Camocim a configuração política é a mesma, duas famílias se revezam na prefeitura e, no ano de 1989, Murilo Rocha Aguiar, pertencente ao grupo Cara Preta, assume a prefeitura tão disputada. As emissoras pertencentes aos dois grupos ainda possuem a mesma influência junto à população, assim como seus padrinhos e representantes políticos.

O papel cultural e econômico das emissoras de rádio

O rádio teve uma importância muito grande no contexto do regime militar, vários momentos históricos foram transmitidos por esse meio de comunicação. A ditadura utilizou-se dele para veicular programas oficiais e propagandas, e a resistência contra a ditadura também passou pelas ondas radiofônicas. No início da década de 1980, o rádio ainda era parte fundamental do cotidiano da população brasileira. O "radinho de pilha" era um companheiro inseparável dos trabalhadores mais pobres, não só no local de trabalho, mas também no caminho de volta para casa, nas primeiras horas da manhã, ou na solidão dos dormitórios.

Eram os aparelhos de rádio que faziam a população rural ficar informada do que estava acontecendo na cidade. Os programas informavam as mudanças políticas locais, tocavam as músicas de sucesso da época, anunciavam as promoções e os produtos das lojas e divulgavam o nome dos comerciantes da cidade. Os programas de forró e as vozes dos locutores se misturavam às emoções dos ouvintes. O rádio ia além da aparelhagem política.

Nos últimos anos da ditadura, Camocim passava por mudanças no cenário político: dois grupos revezavam-se no poder executivo e, em 1982, tem-se a primeira mulher ocupando o cargo de prefeita da cidade: Ana Maria Beviláqua Moreira Veras, do PDS (Partido Democrático Social), aliada do grupo Fundo Mole. Nos seis anos de seu mandato, Ana Maria utilizou-se da rádio e dos radialistas para colocar em ação projetos culturais, como festivais de música e de violeiros. Nesse período, muitos repentistas se tornaram radialistas e utilizaram os microfones para divulgar seus trabalhos e a cultura popular, canções, repentes, divulgação de cantorias que aconteciam pela região e publicidade.

Em entrevista, o cantador repentista Sr. João Batista Sobrinho conta que, junto com outros cantadores e radialistas, e com o apoio da prefeita Ana Maria, desenvolveu um evento para repentistas e violeiros que mais tarde se tornaria o Festival de Violeiros de Camocim.

> [...] em junho de 82, de 1982 eu cheguei aqui em Camocim e formei dupla com o poeta Damião Libório na Rádio Pinto Martins, logo as pessoas ficaram sabendo do trabalho que eu já vinha fazendo em festivais em vários lugares, como Monsenhor Tabosa, outros lugares como Tianguá onde eu já tinha morado, eu fui cobrado pelas pessoas e comecei a organizar o festival com o Damião e o apoio da prefeitura, a gente organizou em outubro de 82, não tô lembrando a data, mas em outubro de 82 foi realizado o primeiro festival de cantadores daqui da cidade de Camocim, no Instituto São José. Tinha aproximadamente um número de 20 cantadores[13].

O apoio político e a divulgação na rádio dos eventos culturais traziam prestígio perante a população para o político que os encabeçava. O mandato de Ana Maria Veras ficou conhecido como um dos que mais incentivaram a cultura local. Nesse período, a rádio era novidade para os jovens curiosos, alguns desses jovens tornavam-se operadores de áudio e as emissoras ofereciam treinamento para os interessados, que passavam a trabalhar nas rádios e a acompanhar o dia-a-dia nas emissoras. O Sr. Francisco das Chagas Carneiro Magalhães, conhecido como *Chiquinho da Rádio*, que trabalha até os dias de hoje na Rádio Pinto Mastins, contou um pouco sobre como se deu sua entrada nesse meio.

> Eu comecei a andar pela rádio, conheci os meninos e gostei. Aí comecei a treinar e tudo, aí um mês depois eu comecei a trabalhar na rádio, no ano de 82, o Carlos Alberto era o diretor na época, era um senhor que era casado até com a filha do dono da rádio, do primeiro dono [...] eu tinha um horário, sempre eu tive, sempre de manhãzinha, de cinco às sete da manhã. Eu trabalhava em outros horários quando faltava operador eu cobria o horário deles. Eu ficava mais na parte dos evangélicos de manhãzinha. Aí tinhas outros programas: o do Seu Damião Libório, aí depois entrava o Marcelo e o Aderaldo Lima com forró [...] aí quando vinha os ouvintes do interior eles trazia coisas pro seu Damião e para mim também, alguns levava peixe, outros prometia e não levava[14].

[13] João Batista Sobrinho, 69 anos, violeiro e repentista. Entrevista realizada pela autora em 20 de março de 2016. Camocim-CE.

[14] Francisco das Chagas Carneiro Magalhães, operador de áudio. Entrevista realizada pela autora em 01 de maio de 2017. Camocim-CE.

A rádio serviu para propagação de vozes não somente políticas, mas das crenças e da cultura local. Os programas evangélicos e as programações de forró ganhavam espaço dentro das emissoras. Na fala de Francisco, ele diz que "os ouvintes do interior eles trazia coisas pro seu Damião e pra mim também"[15],demonstrando o carinho e a relação entre ouvintes e os que trabalhavam nas emissoras.

O público ouvinte das programações não era composto apenas por eleitores, mas também clientes consumidores, fossem de boa música, fossem do comércio local. Cada uma das emissoras possuía patrocinadores. Os grandes e pequenos comerciantes pediam aos locutores que anunciassem as promoções e seus produtos, muitos radialistas precisavam pedir patrocínio quando davam início a um novo programa na emissora. Alguns gravavam os anúncios dos patrocinadores em fita K7 para repassarem na hora do programa, outros sempre mantinham anotadas as informações sobre as lojas e os produtos. Segundo Francisco das Chagas, havia comerciantes que só anunciavam na emissora que tivesse maior audiência.

> [...] tinha uns que ***botava*** nas duas, tinha uns que divulgavam só numa, dependendo da audiência da emissora os comerciantes investia. A nossa audiência era boa, até porque antigamente só tinha as duas, só tinha a Rádio Pinto Martins e a União[16].

As emissoras proporcionaram maior divulgação do comércio local, pois as rádios de Camocim alcançavam cidades vizinhas e os distritos de Camocim e de Granja. A divulgação dos eventos, festivais e a publicidade emitida pelas emissoras levavam a cultura e o comercio local até outras comunidades, despertando a curiosidade dos ouvintes para conhecerem a cidade e suas atrações.

Considerações finais

A radiodifusão em toda a história brasileira foi de grande importância para que se pudesse ter um povo informado e consciente dos acontecimentos que moldaram nossa sociedade. A história do rádio e da política camocinense estão interligadas. Há quem diga que a instrumentalização política das rádios deforma e aprisiona o ouvinte aos partidos, mas o breve trabalho aqui apresentado pretendeu mostrar que a relação do rádio com os grupos, mesmo que forte, não limitou a participação dos ouvintes no fazer do rádio, sua ferramenta para comunicação cultural e comercial.

---

[15] *Idem.*
[16] Francisco das Chagas Carneiro Magalhães. Entrevista já citada.

O rádio não era somente feito de política, mas dos próprios ouvintes, o que eles queriam ouvir era o que tocava no rádio. A concorrência entre as duas emissoras levou os ouvintes não somente a conhecerem seus grupos políticos, mas deu a oportunidade de se fazer política através das ligações e dos anúncios. Apesar de muitas vezes ser controlado e utilizado para finalidades políticas, o rádio sempre buscou sua independência.

As mudanças nas frequências e no cenário político afetaram diretamente as emissoras de Camocim, muitas tiveram que migrar para as ondas FM na década de 1990, os grupos políticos sofreram alterações e perderam aliados importantes. A história política e das rádios de Camocim faz refletir na história da comunicação, o que é propagado hoje pela mídia e na forte influência que os meios de comunicação têm sobre o povo. Mas o principal, a relação do povo e os meios de comunicação. O rádio é como via de mão dupla, mesmo que a direção do fluxo seja direcionada politicamente.

Fontes orais

João Batista Sobrinho, Violeiro e repentista. Entrevista Realizada no dia 20/03 /16.

Francisco das Chagas Carneiro Magalhães. Operador de áudio da Rádio Pinto Martins. Entrevista realizada no dia 01/05/17.

Sites:

SITE DO SENADO FEDERAL. Disponível em:<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-84968-28-julho-1980434453-publicacaooriginal-1-pe.html >Acesso em: 19 mar. 2018.

Iconografia:

Foto 1- Placa de inauguração da Rádio Pinto Martins**.** Arquivo pessoal da autora.

Autores desta obra

Maria Malena Paiva Mesquita, ***Francisca Clédia Sousa de Oliveira****, Letícia Rodrigues Gonçalves,* ***Caubi Alves Braga****, Naiane Nobre Martins,* ***Pedro de Souza Filomeno Filho****, Raimundo Nonato Fernandes,* ***Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara****, Adelina Lopes Guimarães,* ***Sebastião Ferreira Carneiro****, Paulo Ênio de Sousa Melo,* ***João Henrique Brito Lima****, Natanael Lopes Alves,* ***Vinícius Pereira de Sousa****, Alan Silva de Morais,* ***Antonio Tarciano Aragão Sousa****, Maria Deiziane Lino,* ***Raimundo Sousa Alves****, Cleane dos Santos de Medeiros,* ***Nilson Almino de Freitas****, Francisco Sávio Barbosa do Nascimento,* ***Odail José Martins Freire****, Valério Samaronni Morais de Queiroz,* ***Maely Alves de Mesquita****, Carlos Augusto Pereira dos Santos*

Nossa Gente, Nossa História é o resultado da escrita de vinte e três artigos, divididos em quatro partes temáticas que podem ser conferidas no sumário e ao longo do livro. Portanto, empreendemos um mergulho no universo sertanejo, falando da alegria da chegada do inverno, do inferno da seca e das práticas religiosas que beiram o fanatismo (Parte 1). Adentramos no mundo do trabalho e esticamos a jornada para compreendermos os projetos e propostas de escolarização e educação do nosso povo (Parte 2).

Por outro lado, foi necessário falarmos da diversidade cultural que nos caracteriza. O que tem em comum o universo *queer* no cinema e as sociabilidades homoafetivas no espaço citadino? O que um pai de santo e um conjunto de mulheres rezadeiras podem nos dizer sobre a prática da cura? Quais são as fronteiras culturais entre dançadores de reisado, jovens bailarinos da periferia e a obra do cantor Belchior? São interrogações que poderão ser respondidas, ou não, lendo-se o conjunto de artigos da Parte 3. Finalizando, como a política e a economia interferem no cotidiano de uma cidade? É o que os autores propõem discutir na Parte 4, evidenciando as características singulares na história dos municípios de Ibiapina e Camocim.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-9539-035-5
9 788595 390355